

A influência do capital cultural herdado na apropriação da cultura escrita digital por crianças¹

Mônica Daisy Vieira Araújo
Universidade Federal de Rondônia

Resumo

Este texto visa a analisar algumas formas e certas condições socioculturais de apropriação da cultura escrita digital de crianças herdeiras da cultura digital familiar. Os altos investimentos que as famílias das camadas sociais médias fazem em seus filhos permitem que essas crianças incorporem um capital cultural herdado, o que, por sua vez, possibilita uma maior desenvoltura com a cultura escrita digital. Tomando como pressupostos os estudos sobre a sociologia da família, mediante contribuições de P. Bourdieu, F. de Singly e B. Lahire, e sobre a história do livro e da leitura, com a colaboração dos estudos de R. Chartier e das pesquisas de P. Lévy relativas à cultura digital, este artigo visa a contribuir para evidenciar a importância da herança familiar na transmissão da cultura escrita digital. Desenvolvemos a investigação a partir de observação participante de aulas de informática em uma escola privada e de entrevistas com crianças, professores e pais. Os dados coletados pela pesquisa demonstram que os pais criam uma ambiência familiar para que seus herdeiros se apropriem da cultura escrita digital desde pequenos, incentivando-os, mas ao mesmo tempo controlando-os, nas atividades práticas de leitura e escrita na tela.

Palavras-chave: cultura escrita digital, crianças, família, camadas médias.

Introdução

Este artigo pretende analisar algumas formas e condições socioculturais de apropriação da cultura escrita digital por crianças de camadas sociais médias herdeiras da cultura familiar. A cultura digital que circula a partir das duas últimas décadas, e de forma cada vez mais crescente, proporcionou a interação entre vários dispositivos de informação e comunicação, inaugurando uma reorganização das práticas de leitura e escrita – até então condicionadas para uma leitura e uma escrita em texto impresso –, demandando, do leitor, novos gestos e

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Anual da Anped, 2011, Natal. 34ª Reunião Anual da Anped - Educação e Justiça Social, 2011.

comportamentos. Se isso exige novos aprendizados para gerações que não conviveram desde cedo com essas práticas, as gerações atuais transitam entre essas várias modalidades de leitura/escrita, diferenciando-se a forma como elas têm acesso a esses textos e o contexto social que cria disposições específicas para determinados usos, seja na família, na escola, ou em outros grupos sociais. Em nossa pesquisa, investigamos as práticas das camadas médias desenvolvidas na escola e na família, articulando e diferenciando-as nessas duas instâncias. Neste artigo, focalizaremos apenas as práticas de leitura e escrita desenvolvidas em suporte digital, ou evocadas por ele, realizadas no espaço doméstico.

Observamos que a cultura digital ampliou as possibilidades de práticas de leitura e escrita, por meio da facilidade de acesso a uma diversidade de gêneros textuais “velhos”, com formato inédito, e a outros de natureza híbrida, e ainda com formato muito parecido com o dos oriundos da cultura impressa. Essas novas práticas provocam, também, estratégias de leitura e escrita diferenciadas. Essas e outras situações que permeiam esse novo objeto cultural mobilizam configurações de aprendizagem e relações sociais e culturais específicas. Nesse sentido, o espaço doméstico exerce um papel basilar nas experiências, nas práticas e nas relações que as crianças mantêm e manterão com a cultura escrita. Não se pode dizer que essa cultura esteja disseminada apenas em classes sociais de melhor poder aquisitivo, que estão tendo acesso cada vez maior a tecnologias, pois os altos investimentos que famílias de camadas médias fazem em seus filhos e, também, o ambiente permeado pela cultura digital doméstica permitem que essas crianças incorporem um capital cultural herdado que possibilita uma maior desenvoltura com a cultura escrita digital.

Neste texto, o termo “cultura escrita” é considerado de uma forma mais ampla, contemplando todas as manifestações dos escritos em nossa sociedade, ou seja, a cultura manuscrita, a impressa e a digital. Dessa forma, usaremos o termo “cultura escrita” para designar todas as formas de linguagem escrita, seus diversos suportes e modos de sociabilidade. Tomando como pressupostos os estudos sobre a sociologia da família – mediante contribuições de Pierre Bourdieu, François de Singly e Bernard Lahire – e sobre a história do livro e da leitura, notadamente os de Roger Chartier e os de Pierre Lévy a respeito da cultura digital, este artigo visa a contribuir para evidenciar a importância da herança familiar na transmissão de objetos culturais e, em especial, da cultura escrita digital.

O texto está dividido em seis seções, além da Introdução e das Considerações finais. A primeira apresenta o percurso metodológico da pesquisa que originou os dados aqui

apresentados. Na segunda e na terceira partes, selecionamos os aspectos da herança familiar, recuperando os estudos da sociologia da família e dados que explicam a ambiência familiar. E nas três últimas seções, analisamos alguns modos de transmissão, as práticas e o controle no espaço doméstico que permitem compreender a apropriação da cultura escrita pelas crianças investigadas.

Percurso de investigação

A pesquisa que originou este artigo foi realizada em uma escola² localizada em um bairro da zona sul de Belo Horizonte, que atende uma clientela das camadas médias e tem em sua estrutura curricular aulas de informática. Na coleta de dados, utilizamos procedimentos como observação, anotação no caderno de campo e entrevistas semiestruturadas com as crianças, suas mães e suas professoras. A investigação empírica teve início com a observação participante das aulas no laboratório de informática da escola durante três meses. Esse procedimento nos ajudou a conhecer melhor os *sites* mais visitados pelas crianças, os jogos preferidos, a desenvoltura com o computador, e assim pudemos escolher sujeitos que tinham um alto nível de letramento digital.

Escolhemos alunos da 2^a à 5^a séries do Ensino Fundamental que estavam entre sete e dez anos de idade. Selecionamos duas crianças por série, sendo que somente J e V eram da mesma turma: A e G, de sete anos de idade, cursavam a 2^a série; Ar e B, de oito anos, estavam na 3^a série; L e An, de nove anos, estudavam na 4^a série; e J e V, de 10 anos, cursavam a 5^a série. Os sujeitos selecionados possuíam computador em casa e fácil acesso à rede mundial de computadores. Essa variedade na faixa etária exigiu um olhar diferenciado sobre os dados coletados, pois os sujeitos possuíam níveis também diferenciados de letramento digital.

Na investigação, as oito crianças levaram para casa um envelope contendo uma carta da escola, apresentando a pesquisadora; uma carta com informações sobre os objetivos e a proposta da pesquisa; um formulário para os pais preencherem com dados sobre o melhor horário e local para a entrevista e o telefone de contato; e o termo de livre consentimento, conforme normas do Comitê de Ética.

² A pesquisa empírica foi desenvolvida em 2006/2007. Sabemos que as tecnologias estão cada vez mais disseminadas em várias classes sociais e são mutantes, mas isso não invalida a elucidação sobre como as práticas e os modos de apropriação de um objeto cultural ocorrem em um determinado tempo e espaço social.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com as crianças selecionadas, para resgatarmos dados sobre as disposições e as formas de apropriação da cultura escrita digital e sobre como viam a cultura escrita nesse processo. As entrevistas com as mães tiveram como objetivos analisar as relações mantidas pelas crianças com a cultura escrita digital no espaço doméstico e identificar as disposições da família frente a essa cultura. Com as seis professoras regentes e a professora de informática, buscamos coletar dados para compreender como ocorria a transmissão escolar dessa cultura para as crianças, suas preferências de leitura na tela e no papel, o modo como liam e o que liam na internet, e como se apropriavam da cultura escrita digital transmitida na instituição.

Buscamos tratar a cultura digital de modo a abarcar diferentes linguagens: a oralidade, a escrita, a leitura, o som e a imagem. Dessa forma, a cultura digital configura-se em torno de várias manifestações e possui características específicas, mas insere-se no campo da cultura escrita em geral, dialogando com ela, ou diferenciando-se dela. A cultura escrita digital se refere, então, às práticas de leitura e escrita no suporte computador e a cultura digital se refere a diferentes linguagens e práticas que não se relacionam apenas à escrita, mas que a incluem.

O papel da família na transmissão da cultura escrita digital

A cada nova mudança na cultura escrita, mudam também as formas e condições socioculturais de apropriação dessa cultura. Isso se deve ao fato de que formas diferentes de suporte e de práticas de leitura e escrita demandam, primeiramente, formas de transmissão diferenciadas e que, por sua vez, geram condições socioculturais de apropriação distintas. Dessa forma: “Hoje, com as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a reescritas múltiplas, são os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos que se veem colocados em questão.” (CHARTIER, 1999, p. 49).

Este artigo pretende ater-se a esta faceta, a das formas e condições socioculturais de apropriação da cultura escrita digital por crianças herdeiras dessa cultura digital familiar. Para conseguirmos alcançar tais objetivos, se faz necessário compreender as formas de transmissão da cultura escrita digital, pois conforme Singly (1996, p. 163), “*Pour comprendre l'appropriation de l'héritage par l'héritier, Il faut prêter attention aux formes de la transmission et aux manières dont elles sont perçues par les héritiers.*”

O meio familiar compreende, por excelência, o lugar de transmissão de todo e qualquer objeto, inclusive da cultura escrita digital. Para Lahire (2004, p. 17): “[...] o mais íntimo, o mais

particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa só pode ser entendido se reconstituirmos o tecido de imbricações sociais com os outros”. Logo, compreender as formas de transmissão da cultura escrita digital pela família é essencial para entendermos como as crianças se apropriam dela. Consideramos também que para cada forma de transmissão e apropriação da cultura escrita digital haverá diferentes formas de usos e interações com essa cultura.

Sabemos que, nos primeiros anos de vida da criança, a família tem um papel importante na transmissão de qualquer cultura, inclusive da cultura digital; entretanto, ultimamente as crianças têm se tornado, cada vez mais cedo, independentes e autônomas em relação a diversos conhecimentos, inclusive sobre os dispositivos tecnológicos. Problematizando essa questão, poderíamos perguntar: A apropriação da cultura escrita digital é oriunda da família? Qual é o papel da família na construção da relação da criança com a cultura escrita digital?

A família, como objeto de pesquisa, foi tratada de forma diferenciada nos estudos da sociologia da educação a partir dos anos 1980, devido a uma reformulação do campo de pesquisa que, até aquela década, tinha um olhar sobre as macroestruturas sociais e os resultados das grandes pesquisas estatísticas que relacionavam a posição social dos pais às performances escolares dos filhos, como o relatório Coleman³, nos Estados Unidos, e o INED⁴, na França. A família, nesse período, era analisada somente pelo ponto de vista das categorias socioeconômicas de pertencimento de classe.

Esse enfoque possibilitava aos sociólogos apenas conhecer os efeitos que cada classe provocava no desempenho escolar das crianças, sem aprofundar nos possíveis fatores internos da família. Nogueira (1998, p. 92) ressalta que:

A família ficava dissolvida na variável “categoria socioeconômica” de pertencimento. Conhecia-se, sem dúvida, seus efeitos sobre o desempenho escolar, mas os processos domésticos e cotidianos pelos quais projetos e estratégias familiares são elaborados e postos em prática permaneciam na penumbra.

³Realizado em 1966, com uma amostra de 3.100 escolas e um total de 645.000 alunos.

⁴O *Institut National d'Études Démographiques* desenvolveu uma pesquisa longitudinal, que acompanhou a trajetória escolar de 17.461 alunos entre os anos de 1962 e 1972.

Assim, nos anos 1980, a sociologia começou a analisar os processos intrafamiliares, as aspirações, as condutas, a relação que essa instituição mantinha com a escola e as práticas educativas familiares. Associadas a essa mudança no enfoque dado pelas pesquisas, aconteciam mudanças no contexto social. A família passou a ver os filhos com um valor educativo e afetivo diferente, dando-lhes mais importância; e a escola iniciou mudanças nos processos de escolarização, tais como alterações curriculares, extensão da escolaridade obrigatória, e evoluções nos processos pedagógicos praticados. Quanto a essas mudanças, Singly (1996, p. 275) afirma que:

[...] La valeur sociale de la famille est définie progressivement par la valeur scolaire de chacun de ses membres. Dans le patrimoine familial, le capital scolaire tend à prendre la place du capital économique. Le fils n'occupe plus directement la place du père dans l'espace social; il doit passer par l'école pour faire valider sa valeur, en partie – héritée.

Desde 1960, a valorização dos filhos pela família vem aumentando gradativamente. Hoje, as famílias investem no potencial educativo dos filhos desde pequenos, com aulas de esportes e línguas estrangeiras, intercâmbios, viagens culturais, dentre outros investimentos. No entanto, esse capital cultural é proporcional à camada social na qual a criança está inserida.

Assim, crianças oriundas das camadas médias têm acesso tanto a altos investimentos culturais como, também, a um capital cultural herdado. Esse capital é incorporado ao seio da família desde os primeiros anos de vida da criança, e é mais significativo na vida do sujeito, pois ficará arraigado nos seus processos mentais, influenciando diretamente seu modo de agir, pensar e fazer. Conforme Bourdieu (1975, p. 74): “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um *habitus*.” O autor subdivide o conceito em capital cultural herdado e capital cultural adquirido, sendo este último caracterizado pela socialização secundária oriunda do grupo em que a criança vive e pela aprendizagem efetuada no percurso escolar. Podemos considerar que as crianças participantes da pesquisa, oriundas das camadas médias, provavelmente interagem com a cultura escrita digital de forma mais desenvolvida, uma vez que se apropriam, na escola, de um capital cultural relacionado a esse aprendizado que é herdado do meio familiar.

Essas crianças têm acesso à internet principalmente em casa, onde crescem vendo os pais e irmãos fazerem uso com frequência de recursos da informática. Dessa forma, é possível elas

dominarem as habilidades do meio, tais como ligar o computador, abrir um aplicativo, ter desenvoltura com o teclado, acessar a internet, dentre outras. As crianças das camadas médias têm outra relação com a cibercultura⁵, devido ao capital cultural herdado, ao contrário das crianças do meio popular, que mesmo com possibilidades de acesso cada vez maiores em outros locais além da residência, têm acesso mais pleno a essa forma de capital cultural, possivelmente, de modo tardio. No entanto, conforme Lahire (2004, p. 338), “[...] não basta, para a criança, estar cercada ou envolvida de objetos culturais ou de pessoas com disposições culturais determinadas para chegar a construir competências culturais [...]”. É necessário, também, haver uma mobilização do herdeiro para que ele realmente herde o capital cultural familiar.

Provavelmente, a apropriação da cultura digital pela criança varia conforme o nível cultural da família, sua relação com essa cultura e o *ethos* da criança, definido por Bourdieu (2003, p. 42) como um “[...] sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribui para definir, entre outras coisas, atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”.

Logo, tanto a criança pode partilhar valores comuns dos pais na relação com a cultura escrita digital quanto ter valores diferenciados da sua família e, assim, construir uma relação também diferenciada com a cultura escrita digital. Em nossa pesquisa, trabalhamos com sujeitos que estavam em uma faixa etária em que a família exerce uma maior influência sobre os seus comportamentos e conhecimentos. Assim, possivelmente, o *ethos* da criança se relacionará ao capital cultural herdado da família.

Lahire (2004, p. 17) discorre sobre a relação existente entre as ações e os comportamentos familiares e as ações e os comportamentos dos herdeiros:

A personalidade da criança, seus “raciocínios”, seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações sociais que se tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros da constelação familiar, em um universo de objetos ligados às formas de relações sociais intrafamiliares. [...]

Sendo assim, foi possível investigar se o fato de a família da criança ter o hábito de usar a internet com frequência – ou o fato de ela presenciar mais tempo de uso de hipertextos digitais

⁵ Segundo Lévy (1999, p. 17), *cibercultura* designa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Para esse autor, *ciberespaço* é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”.

do que de textos impressos – contribui para algum tipo de mobilização que favoreça a apropriação da cultura escrita digital. Ou seja, se havia, nesse caso, uma influência do capital cultural herdado e do *habitus*, conjunto de disposições e pré-disposições no qual o sujeito vive, sendo exteriorizada através de suas ações. Nogueira e Nogueira (2004, p. 104) afirmam que no conceito de *habitus* definido por Bourdieu:

[...] os agentes sociais não seriam conduzidos de forma mecânica nem pelas condições objetivas nas quais eles foram originalmente socializados, nem pelas condições atuais nas quais eles agem. Por um lado, embora o *habitus* seja formado e reflita o universo social no qual o indivíduo foi originalmente socializado, ele não constituiria um conjunto de regras fixas que determinariam, a partir do passado, as ações atuais do indivíduo. Ao contrário, ele funcionaria como um princípio flexível (um senso de jogo) que permitiria ao indivíduo se adaptar ou mesmo improvisar, dentro de certos limites, diante de cada nova situação. Por outro lado, o conceito indicaria, também, que os indivíduos não são completamente determinados pelas condições objetivas presentes no contexto social.

Nessa perspectiva, buscamos analisar as configurações sociais das crianças para compreender o papel dos agentes sociais do espaço doméstico que transmitem a cultura escrita digital, pois “[...] os traços [da cultura digital] não aparecem em um vazio de relações sociais: são, sim, o produto de uma socialização passada, e também das formas das relações sociais através das quais estes traços se atualizam, são mobilizados [...]” (LAHIRE, 2004, p. 17).

A ambiência familiar

O processo de apropriação da cultura escrita digital pelas crianças pesquisadas começou quando elas eram bem novas. A desenvoltura que as crianças das camadas médias possuem no uso do computador não se inicia na socialização secundária, mas configura-se pelo capital cultural herdado no meio familiar. A seguir, apresentamos dados da pesquisa que permitem compreender as formas e condições socioculturais de apropriação da cultura escrita digital por crianças que tinham fácil acesso a computadores e à internet.

Em seus depoimentos, as mães das crianças detalham as ações e condições de apropriação de seus filhos no espaço doméstico, desde quando eles eram bem pequenos, e isso permite compreender o papel dos agentes dessa transmissão:

Jo – Ele deve ter começado por volta de três anos de idade, com programas já voltados pra essa faixa etária! Na minha casa, no computador de casa é... normalmente, a gente comprava CD-ROMs e ele foi descobrindo e usando. Na casa dos meus pais, ele também usava um pouco, mas ele usava bastante na minha casa. (Mãe de **G**)

A – Olha, meu marido sempre se interessou com isso, esse tipo de informática. Tem... logo que iniciou o computador, ele já tinha esse interesse. E o **V** foi crescendo junto com isso, né? (Mãe de **V**)

M – Foi vendo a gente usar o computador, né... aí, assistia os canais tipo *Discovery kids*, que aí tem o *site*, aí ficou interessada. Aí, acabou querendo começar a mexer no computador e acabou aprendendo! (Mãe de **B**)

Percebemos que há um grande investimento das famílias na aquisição de dispositivos que possam dar suporte ao processo de alfabetização digital de seus filhos, de forma a adequar os conhecimentos que acreditam serem necessários para que eles aprendam na faixa etária em que se encontram. Nesse sentido, os CD-ROMs direcionados para crianças são um dos dispositivos mais comprados pelos pais, por terem como eixo a interatividade e a ludicidade; por apresentarem os personagens preferidos dos seus filhos; e, talvez, por trazerem uma promessa de utilização mais educativa e pedagógica, que sempre aparece nos CD-ROMs. Além disso, outras mídias, como revistas digitais, que precisam do apoio do computador para serem acessadas, e a circulação dessa cultura nos programas de TV a cabo parecem completar o ambiente.

Devemos considerar também uma espécie de ambiência criada pelo uso constante da leitura e da escrita em suporte digital desenvolvidas em casa, o que a maioria dos pais das crianças pesquisadas fazia. Conforme Lahire (2004, p. 104):

Dado que o “capital cultural” está condenado, de um lado, a viver em estado incorporado, sua “transmissão”, ou sua “herança”, depende da situação de

seus portadores: de sua relação com o filho, de sua capacidade (socialmente constituída) de cuidar de sua educação, de sua presença ao seu lado, ou, finalmente, de sua disponibilidade de transmitir à criança certas disposições culturais ou acompanhá-la na construção dessas disposições.

Logo, os pais das crianças, em sua maioria, se encontram voltados para as práticas da cultura escrita digital. Essa disponibilidade dos adultos, que nem sempre é consciente, mobiliza as crianças a se envolverem com esse objeto cultural desde pequenas.

Sabemos que a criança “não “reproduz”, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra a sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio das quais está inserida. Suas ações são reações que “se apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamento e de representações possíveis para ela.” (Lahire, 2004, p.17).

Formas de transmissão e condições socioculturais de apropriação da cultura escrita digital

Verificamos que as vivências familiares com outras linguagens, como, por exemplo, som e imagens em movimento, indiretamente mobilizaram as crianças a se inserirem no mundo das tecnologias digitais. Frade (2005, p. 62) conceitua o aprendizado dessas outras linguagens como alfabetização audiovisual, em que “os códigos a serem desvendados possuem linguagens específicas (iconicidade, sonoridades, etc.) que precisam ser decifradas”.

Nessa perspectiva, as crianças pesquisadas, em sua maioria, construíram essa alfabetização audiovisual através de brinquedos digitais que ganharam dos pais; entre eles, estão o *vídeo game* e o próprio computador.

C – [...] Nossa, aqui dentro de casa ela ganhou um CD-ROM de bichinho, de montar quebra-cabeça, de repetir os sons; ela tinha que escrever que som que era e levar o *mouse*, essas coisas! Jogos interativos! Isso ela teve quando criança. (Mãe de An)

Ân – Tinha um CD-ROM lá ... e eu não sei te falar qual que era não! Mas tinha alguns que meu marido comprava pra ele. E fora isso, ele tinha *game boy*, *play station*, essas coisas que ajudavam, né... (Mãe de L)

No entanto, para que esse aprendizado inicial da técnica ocorra de forma que as crianças construam competências culturais relacionadas a esse objeto, é necessário que os adultos criem condições socioculturais adequadas para que os herdeiros realmente herdem. Pois, como explicita Lahire (2004, p. 152), “a presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse capital for colocado em condições que tornem possível sua ‘transmissão’”.

Percebemos que a maioria dos pais das crianças, de alguma forma, criaram situações de ensino no espaço doméstico que favoreceram a aquisição de habilidades relativas a como usar o *mouse*, ligar e desligar o computador, abrir um aplicativo, ter desenvoltura com o teclado, usar a internet, dentre outras.

Jo – [...] Ele precisava aprender o básico pra começar a se virar. Então eu não uso muito o computador em casa hoje, é mais no serviço, mas a gente acaba utilizando uma vez ou outra com ele, mais esses CD-ROMs; a gente senta perto e ensina como usar um *site* de busca, como é que você faz. O uso do *mouse*, como é que você aperta pra direita, como se aperta pra esquerda, o que você quer buscar no computador. Então essas regras gerais a gente procurou ensinar desde cedo! (Mãe de G)

Percebemos que a família tem um papel importante na alfabetização digital das crianças, mas não basta a mobilização dos pais, pois deverá haver também a mobilização das próprias crianças, para que sejam adquiridos os traços da cultura digital. As crianças, em sua maioria, lembraram como foi o início do processo de apropriação da cultura escrita digital.

P – E você lembra qual a primeira vez que você mexeu no computador?

Ar – Não! Isso é muito tempo. Já faz dois anos que eu mexo nesse tal de computador.

P – Você lembra quem te deu seu primeiro CD-ROM?

Ar – Meu primeiro CD-ROM... foi minha mãe.

P – E quem te ensinou, então?

Ar – Eu fui aprendendo aos poucos. Minha mãe foi me ensinando, meu pai foi me ensinando, aí eu aprendi.

Logo, as crianças das camadas médias interagem com a cultura escrita digital de forma mais desenvolta, uma vez que se apropriam de um capital cultural que é herdado no meio familiar, tornando-se um *habitus*. Nogueira e Nogueira (2004, p.104), em trecho já citado, ressaltam que embora o *habitus* reflita o universo e as configurações sociais, não se constitui em regras fixas que determinam as ações do indivíduo. Podemos dizer, então, que algumas ações em torno da cultura digital são decorrentes de negociações, sobretudo quando essas tecnologias vêm para o universo familiar dos pais quase ao mesmo tempo em que os filhos são submetidos a essa novidade. De forma geral, parece que alguns pais, à moda da escola, precisam passar aos seus filhos um tipo de cultura geracional que, em certos momentos, está em tensão com outras culturas infantis contemporâneas. Porém, isso parece ser bem administrado.

Comprar ou não comprar brinquedos digitais, sentar ou não sentar ao lado do filho para alfabetizá-lo digitalmente, desenvolver ou não práticas familiares em torno da cultura digital, incentivar ou não o uso de computadores – tudo isso nos indicia o *ethos* que permeia as famílias, no que se refere à cultura escrita digital.

Como nossos sujeitos são crianças que estão em uma faixa etária em que a família exerce uma influência maior sobre o seu conhecimento, os valores das crianças se relacionam com os valores dos pais. Constatamos essa relação, quando analisamos as disposições das famílias pesquisadas; no entanto, duas famílias se destacaram – a família de **V** e a de **J**.

A família de **J** é a única que tem uma relação com a cultura digital bem tecnofóbica⁶; sua mãe, **Ju**, explicita claramente que, “não somos, nem eu nem o pai, partidários do... do... brinquedo virtual, dos avanços...”. **J** também tem as mesmas disposições, pois durante toda a entrevista falou que não gosta muito de computadores. Em uma das falas de **J** sobre suas práticas da cultura digital, ela diz: “Então, eu não tenho muito tempo pra ficar entrando no computador. E eu não gosto muito de computador”.

⁶ Considera-se *tecnofóbico* aquele sujeito que tem aversão ao uso das tecnologias.

Já a família do **V** é grande incentivadora do uso das novas tecnologias pelo filho. Podemos considerá-los com uma tendência a serem tecnofílicos⁷. Os pais compram dispositivos digitais, levam o filho a *lan houses*⁸ para que possam jogar *on-line*. Nas falas da mãe (**A**), fica evidente essa mobilização: “Eu deixo à vontade (risos). Mas assim ele sabe até onde ele pode ir! Eu acho que ele sabe! [...] Então eu influencio dessa forma, eu fico puxando meu marido: ‘Ah, compra, paga!’”. Da mesma forma, em todas as suas falas, **V** demonstra essa mesma disposição para as práticas da cultura digital e afirma, em uma delas: “Sou viciado! Eu necessito do computador!”.

Como percebemos, essas duas famílias têm traços marcantes da relação existente entre o *ethos* dos pais e o *ethos* dos filhos. No entanto, as outras seis crianças também demonstram partilhar os mesmos valores de seus pais, no que se refere à cultura digital. Fica evidente que o *ethos* foi criado em condições implícitas no espaço doméstico, pois ao perguntarmos se as mães se consideravam incentivadoras do uso de computadores pelos filhos, ou se acreditavam que o uso deles era natural, apenas **MC** e **AL** afirmaram incentivar, como veremos nos depoimentos a seguir; mas é recorrente em vários depoimentos a ideia de desenvoltura discutida por Bourdieu (1983, p. 97):

[...] São dois modos de aquisição da cultura: o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância no seio da família, o aprendizado tardio, metódico, acelerado, que uma ação pedagógica explícita e expressa assegura. O aprendizado quase natural [...] confere a certeza de si, correlativa à certeza de deter a legitimidade cultural, verdadeiro princípio do desembaraço ao qual identificamos a excelência; ele produz uma relação mais familiar, ao mesmo tempo mais próxima e mais desenvolta, com a cultura, espécie de bem de família que sempre conhecemos e do qual nos sentimos herdeiros legítimos [...].

Pode-se dizer que a ideia de ser este um aprendizado natural é recorrente em vários depoimentos; portanto, o uso da tecnologia digital é consequência de uma desenvoltura que é comum aos herdeiros. Ela não aparece para os pais como fruto de um incentivo, mas como resultado das condições socioculturais. O termo “natural” também aparece ligado a uma espécie de motivação espontânea para o aprendizado, a uma necessidade e, talvez, uma forma de

⁷ Considera-se *tecnofílico* aquele sujeito que tem uma adesão quase incondicional ao uso das tecnologias.

⁸ Espaços comerciais para uso (cobrado por minutos) de computadores com acesso à internet.

mostrar a priorização de aquisições, como aquela referida a uma cultura manuscrita, conforme o depoimento abaixo.

Ân – Incentivado por mim não é não! Nem pelo meu marido. Meu marido usa muito. Então eu acho *que é mais natural mesmo*, dele ver o dia a dia, da curiosidade dele mesmo. Vai às vezes na casa de alguém e vê um jogo lá, e chega em casa e quer entrar no jogo. Ele viu minha filha entrando no *Orkut*, né... aí ele fez um pra ele e pediu pra ela ensinar. (Mãe de **L**)

AL – Eu acho que eu incentivo algumas coisas. Quando eu comprei, de certa forma eu tava incentivando, né! Quem não quer de jeito nenhum nem compra. Então eu acho que eu incentivei. Acho bacana ela já ter um certo domínio. *Mas eu acho que as coisas têm que acontecer naturalmente*. (Mãe de **A**)

A representação de incentivo ao uso das novas tecnologias está vinculada, em sua maioria, a falas diretas das mães para que o filho use o computador. Mas percebemos que em todas as famílias, em umas mais que em outras, há ações, falas e disposições frente aos filhos que tornam as crianças sensíveis à cultura escrita digital.

Analisando as falas das mães, quando detalham os usos da cultura escrita digital que elas e seus maridos têm no espaço doméstico, fica evidente o capital cultural que é transmitido às crianças nas relações intrafamiliares, e que contribui – implicitamente e explicitamente – na construção de valores, ações e comportamentos na cultura escrita digital.

Ân – Uso! Uso quando eu quero olhar isso, aí eu vou, olho aquilo e pronto. Ficar igual eles falam, navegando, procurando à toa, não tenho paciência. [...] Meu marido usa pra tudo: pra mandar e-mail, pra tudo que ele quer corresponder, pra pagar conta, pra todas as aulas que ele monta com slides, tudo no computador, então ele usa muito mesmo! [...] Ela [filha] usa muito pra fazer pesquisa e ficar no *msn*; aliás, não é *Orkut* não, ela entra é no *msn* todo dia e fica conversando com as amigas. (Mãe de **L**)

A – Fim de semana é... meu marido entra... é assim, cada um tem uma parte... tem horas pra entrar, né? [...] Eles respiram... eu é que não gosto! Mas quando o computador estraga então, nó! Muda a rotina! (Mãe de **V**)

Algumas mães fazem uso “esporádico” das novas tecnologias nos espaços domésticos e para fins pessoais; entretanto, isso é justificado exatamente porque fazem uso intensivo do computador em seu local de trabalho. Mas o fato de estarem imersas nessa cultura profissional pode favorecer também certa ambiência em relação ao uso para seus filhos.

Ju – Não! Pouquíssimo! Eu uso muito pouco! Tenho um e-mail pessoal que as mensagens somem lá! Porque eu acesso de vez em quando pra capturar, porque eu tenho o e-mail do trabalho, né; mas eu não gosto de usar pra fins pessoais. Às vezes, eu até recebo alguma coisa pessoal no e-mail do trabalho, mando pro e-mail pessoal. Mas eu uso muito pouco em casa, porque eu trabalho com computador. (Mãe de **J**)

Essa mobilização da família em relação à cultura escrita digital fica evidente quando perguntamos às mães se tiveram alguma influência quanto à apropriação inicial da alfabetização digital.

Jo – Acho que sim! Se você vai em busca de um CD-ROM que é interessante, que vai ensinar uma série de coisas, de habilidades de desenvolvimento, de uma forma interativa, e senta uma criança de três anos no seu colo e fala: “Olha que legal!”, você tá incentivando! Então esse tipo de incentivo ele sempre teve, né? Mudando de acordo com a faixa etária dele, né? Mais ainda, eventualmente a gente faz, compra CD-ROMs. Passa no shopping, tem um CD-ROM legal, a gente leva, ele usa, então esse tipo de incentivo a gente dá! [...] Porque faz parte do ambiente doméstico dele, desde cedo! Então isso é uma grande influência. Antes de ir à escola e usar, ele já usava em casa. (Mãe de **G**)

Práticas da cultura escrita digital no espaço doméstico

No espaço doméstico, as crianças fazem o uso da cultura digital de forma diversificada, proporcionando um repertório de práticas que mobilizam, constantemente, conhecimentos referentes à leitura e à escrita. Os usos vão desde *sites* de pesquisa, jogos livres disponíveis na internet, *sites* de relacionamento, charges, desenhos animados até usos de CD-ROMs de jogos e aplicativos.

An (4º série – 9 anos) - Na Arena iG, tem alguns jogos que são bonitinhos, e o *site* da Hello Kitty. [...] da Barbie, do Iguinho, da Mônica, o do *cartoon*, baixaki, que baixa imagens pra colocar no *msn*, *messbrasil.com.br*, que baixa imagem, desenho, Zuzubalândia, o do Senninha. Todo *site* que me dão eu entro. [...] tem um jogo que chama *decimens*, você monta uma casa, a família. Tem os CDs de computador.

V (5º série – 10 anos) – *Orkut*, há... quê mais ... às vezes, *sites* de jogos de *flash*, às vezes... os *sites* para pegar informações de jogos, e *gameSpy*, e UOL, jogos que dão dicas de jogo ... manhas de jogo de *play station*, de computador, de várias coisas. [...] Ah, eu gosto de usar pra jogos on-line. Quando tem jogo de computador on-line, às vezes eu olho pra pesquisa, às vezes pra entrar, tipo assim, no *msn*, às vezes no *Orkut*, pra conversar com as outras pessoas, pra olhar coisas assim... tipo jogos, olhar coisas assim... tirar dúvidas dos jogos com outras pessoas no *Orkut*, às vezes.

As crianças realizam práticas de leitura quando jogam e precisam ler as instruções antes de jogar; quando leem as mensagens dos seus e-mails; quando leem as mensagens enviadas por colegas nos *sites* de relacionamento; em conversas on-line; e quando fazem buscas de informações em *sites* de pesquisa, dentre outras práticas. Como a leitura, no caso do uso da tecnologia digital, é indissociável da escrita, algumas das práticas mais frequentes de escrita das crianças são quando realizam pesquisas em *sites* de busca; quando respondem e-mails; quando deixam recados nos *sites* de relacionamento; e quando conversam com os colegas nos bate-papos on-line.

Outra prática no espaço doméstico muito citada pelas crianças é a de pesquisa nos *sites* de busca. Essas pesquisas são realizadas de forma espontânea, ou são direcionadas. As práticas espontâneas de pesquisa acontecem quando as crianças desejam saber informações diversas e

acessam os *sites* de busca. As direcionadas são aquelas exigidas pela escola, com um tema pré-determinado, e que as crianças fazem, em sua maioria, em casa e com a ajuda dos pais:

V (5º série – 10 anos) - Sei lá, eu preciso dela [internet], porque ela é interessante! Tudo que eu quero, eu acho nela. Ficar procurando... às vezes, tô precisando de um negócio... ficar procurando em livro... que coisa mais chata... tem vez que tem uma coisinha deste “tamãenzinho”... é... pequenininha no livro, numa enciclopédia; aí, quando eu vejo na internet, tem mais de setenta mil resultados.

An (4º série – 9 anos) - Muito! Quando eu entro no computador, eu entro muito no Google, e aí coloco *sites* legais, não é bem *sites* legais. Eu entro no Google pra pesquisar *sites* bons de crianças... eu digito *sites* bons para crianças, *sites* legais, *sites* de diversão. Às vezes não dá, fala: você quer dizer o quê? Aí eu vou pedir ajuda pra minha mãe.

Somente a criança **An** não faz pesquisa escolar na internet, mas sim na Enciclopédia Barsa, por ser uma exigência de sua mãe, que diz “... eu não deixo ela usar o CD-ROM, eu quero a Barsa, livro impresso, ela procura, lê e é assim... você procura um parágrafo, vê o que entende e escreve...”. Percebemos que a maioria dos pais não menciona a possibilidade de pesquisa em livros e bibliotecas, mas, sim, direcionam seus filhos a realizarem a busca na internet. Ao perguntarmos como são realizadas as pesquisas em casa, as mães respondem:

Ân – Ele entra, ou então, quando ele está com dificuldades, eu ou meu marido, e mesmo a irmã dele. Ou ele ou ela entra, ou alguém que está em casa entra e ajuda ele na pesquisa. (Mãe de **L**)

AL – É difícil, assim. Primeiro ano é complicado, eu acho, né! Eu sento, ela senta do meu lado. Ela dispersa muito, eu vou sempre no Google, coloco a palavra-chave. (Mãe de **A**)

Ju – Faz muito da forma que eu te falei, comigo, e eu direcionando a pesquisa dela. Como o tempo é curto, eu entro e direciono. Vou fazendo com ela do meu lado, mas eu vou conduzir pra gente conseguir cumprir o prazo e ela fazer a pesquisa com uma qualidade razoável! (Mãe de **J**)

Os pais acompanham a busca de informações sobre um determinado tema pelos seus filhos, quando a pesquisa é direcionada pela escola. Esse acompanhamento é justificado pelas mães por estas acreditarem que seus filhos não sabem pesquisar de forma eficiente, ou mesmo porque os filhos não têm paciência para fazer a busca. Percebemos que esse momento propicia a transmissão da cultura escrita digital, pois a família, ao mesmo tempo em que conduz a prática, ensina como fazer a pesquisa.

A transmissão da cultura escrita digital também acontece de forma diversificada. A família, a escola e os amigos exercem um papel importante na disseminação das práticas. Verificamos que as trocas entre os amigos, primos, tios e colegas de sala, assim como o que as crianças veem na televisão, são as estratégias mais frequentes para descobrir novos *sites*.

Ar (3º série – 8 anos) - O *site* de charges, quando eu tinha uns cinco anos, meu pai entrava; ele descobriu essa piada e começou a entrar comigo. Aí, uns dois anos depois, eu não lembro quando foi, eu fui lá... cliquei nas coisas, aí eu descobri uma piada. Aí eu descobri que era uma das piadinhas que meu pai me mostrava na internet. Aí, o quê que eu li? No fim da piada, tinha lá: www.charges.com.br; aí eu entrei no *site* e comecei a ver um “tantão” de piadinhas, aí eu acostumei. O do Iguinho foi na aula de informática. O do *cartoon* é porque tem um negócio chamado *Cartoon Network*, aí mostra o *site*; o da Turma da Mônica foi na aula de informática, e tem vários da aula de informática. Tem um *jetix*; meu primo me contou que tinha um canal *jetix*, que eu assisto, mas eu nunca tive vontade de entrar. [...] o Google foi a minha mãe me falando que aquele *site* era pra pesquisar. [...] O fliperama, todo mundo falava fliperama, fliperama, aí eu comecei a entrar nesse, gostei. [...] Tem outro jeito. Na aula de informática, eu vi o *site* e acessei.

A tentativa de encontrar o que desejam na internet faz com que eles brinquem com nomes de desenhos assistidos na televisão e busquem, em fontes de leitura impressa como o livro didático, nomes de *sites* citados no final dos textos, e nas aulas de informática da escola que

frequentam; é evidente a importância dos mediadores nesse processo de apropriação da cultura escrita digital.

Controle das práticas da cultura escrita digital no espaço doméstico

No espaço doméstico, as crianças ficam atentas ao controle que os pais tentam exercer sobre suas práticas da cultura escrita digital. A maioria das crianças afirma que seus pais as controlam, exceto **L** e **V**. E elas sabem exatamente o que seus pais fazem para que usem menos o computador e a internet.

J (5ª série – 10 anos) – Ela fala que eu não posso ficar muito tempo no computador, que vai gastar muito dinheiro porque tem que conectar, essas coisas assim. E que também é perigoso o que esses *hackers* fazem, igual no *Orkut*. Não sei quem me disse que quem põe foto no *Orkut*, eles pegam a foto e fazem montagem.

Os pais utilizam várias estratégias de limite de uso que são explicitadas pelas crianças. Eles se justificam dizendo aos filhos que o uso excessivo pode esquentar o computador, que o gasto com a internet discada é alto, que eles podem ficar burros se usarem o computador por muito tempo, ou que os *hackers* podem invadir o computador. Outras estratégias citadas pelas crianças se referem ao tempo de uso (o horário limitado), às frequentes observações de seus pais sobre o que estão fazendo no computador. Mas será que as crianças sabem qual é o motivo real desse controle?

Ao serem perguntadas sobre qual seria a razão do controle dos pais, algumas crianças responderam:

J (5ª série – 10 anos) - Porque é perigoso; vírus, essas coisas assim.

Ar (3ª série – 8 anos) – Porque ela não gosta. Acho que é porque é um tipo de coisa de violência, ela não gosta daquele tipo do Canibal, que é de mau gosto. De violência, de mau gosto!

As crianças ainda não entendem muito bem o motivo do limite imposto pelos pais, apesar de **Ar** e **J** identificarem possíveis causas desse controle. Embora os pais pareçam ter razões

diversas para esse controle, isso revela que há um ordenamento para a transmissão. Lahire (2004, p. 141) afirma que:

[...] é sempre através do controle do outro, através das formas sempre específicas do exercício do poder, que os conhecimentos e a técnica podem ser “transmitidos” ou construídos, de fato, para que a criança possa adquirir esses conhecimentos e essas técnicas gerais, ou especializadas, que farão dele um ser social adaptado às situações sócio-históricas determinadas; é necessário haver, não somente a presença organizadora – embora a organização nem sempre seja evidentemente consciente – de adultos disponíveis, mas, igualmente, a capacidade de a criança tornar-se disponível, atenta, sensível à palavra e às ações dos adultos. É claro que, como em todos os círculos viciosos, são esses mesmos adultos que, através das relações de poder que exercem sobre a criança, levam-na a construir essa atenção, ou essa disponibilidade.

V explica o motivo pelo qual acredita que seus pais o deixam livre para acessar o que deseja.

V (5ª série – 10 anos) – Porque eu tenho que ter liberdade! Eles me dão liberdade! Pelo menos! Porque eles são ótimos, graças a Deus! São ótimos! Não são aqueles pais nojentos! Pra eu não ser aquele menino certinho! [...] Porque também eu não sei, eles são legais, não são aqueles pais chatos! Eu queria ter meu pai ou minha mãe como professor de informática, porque eu poderia entrar em qualquer *site*!

Observa-se no relato de **V** que ele faz uma crítica às práticas de controle exercidas pela escola. Destacamos um trecho da entrevista com **V**, no qual ele explicita a importância do incentivo de seus pais para que tenha práticas da cultura digital, e como percebe esse estímulo.

P – Seu pai o incentiva a usar o computador?

V (5ª série – 10 anos) - Incentiva, ué! Ele vai, põe o computador, ele diz: “Vamos lá na *lan house*, você tá sem fazer nada, vamos lá jogar contra outras pessoas?” Aí, às vezes ele deixa e vai lá e fala: “Olha aqui este jogo, **V**, vamos comprar [...]!”

P – Você acha que seus pais gostam quando você usa a internet?

V (5ª série – 10 anos) – Eu acho que gostam, viu! Porque se eles deixam tanto assim, é que eles gostam, com certeza!

P – Você acha que o papel deles é importante pra você entrar na internet?

V (5ª série – 10 anos) – Influencia muito!

P – Por quê?

V (5ª série – 10 anos) – Porque se fosse pai que não deixasse, ia ter pouco contato, não ia muito... não ia ter tanto interesse assim, não!

P – E seus colegas?

V (5ª série – 10 anos) – Tem pai que não deixa muito, e eles não têm tanto interesse.

P – E você acha que é porque os pais não deixam é que eles não têm interesse?

V (5ª série – 10 anos) – Ah, eu acho que também! Porque depende da pessoa, se ela quiser ou não!

É importante ressaltar que o controle positivo determinado pela família através do incentivo dado aos filhos para que desenvolvam certas práticas se relaciona à possível identificação dos filhos com os pais e, na perspectiva dos pais, à possibilidade de manterem uma relação de proximidade com os filhos. Lahire (2004, p. 20) discorre sobre essa relação:

O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança, cuja identidade social poderá construir-se, sobretudo, através deles; ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros [...].

Considerações finais

Os dados nos possibilitaram perceber que no espaço doméstico as crianças pesquisadas tiveram a oportunidades de vivenciar, desde muito pequenas, situações de uso da cultura escrita digital com seus pais. Os pais e outros mediadores criam uma ambiência familiar para que os

herdeiros se apropriem dessa cultura a partir de um modelo, pois, conforme Lahire (2004, p. 20): se “[...] ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros [...]”, ser adulto como seus pais significa fazer uso da cultura escrita digital. Dessa forma, os pais têm o poder de direcionar o olhar dos herdeiros para os objetos culturais que eles consomem.

Além das vivências das crianças em torno do capital cultural familiar, os herdeiros se apropriam da cultura escrita digital no espaço doméstico a partir da ajuda direta dos pais. Conforme relato das mães nas entrevistas, tanto elas quanto seus maridos ensinaram seus filhos, desde muito novos, a usar o computador, mas de uma forma bem rápida; às vezes, até mesmo de longe eles explicavam os procedimentos que seus filhos deveriam fazer para determinado fim. Mas as crianças sempre estavam por perto nos momentos em que seus pais estavam lendo revistas eletrônicas, acessando bancos virtuais, realizando trabalhos no computador, fazendo pesquisas na internet, dentre outras práticas da cultura escrita digital relatadas pelas mães, o que evidencia a importância do capital cultural herdado no processo de apropriação da cultura escrita digital.

No entanto, os pais também criam formas de controle das práticas da cultura digital exercidas pelos filhos, estabelecendo condições, como a de terminar tarefas escolares, e determinando o tempo de uso. A própria rotina da família impõe um limite “natural” aos usos do computador e da internet no espaço doméstico. As crianças, em contrapartida, percebem a mobilização dos pais para incentivá-los e controlá-los no uso do computador e da internet. Essa percepção, positiva ou negativa, de um objeto cultural a ser apropriado é um fator que favorece, ou não, o envolvimento do herdeiro em práticas da cultura escrita digital.

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. 238p.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de Educação**. Trad. Aparecida J. Gouveia. 5.ed. Petropolis: Vozes, 2003. p. 41-64.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática. 1983. v. 39, 191p. (coleção Grandes Cientistas Sociais).

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. 159p.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. **Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita**. In: COSCARELLI, Carla e RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 248p.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável**. São Paulo: Ática, 2004. 367p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 206p.

NOGUEIRA, Maria Alice. Relação Família-Escola: Novo Objeto na Sociologia da Educação. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14/15, p. 91-103, fev./agos. 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Considerações Finais: O debate em torno da obra de Bourdieu**. In: NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 149p.

SINGLY, François de. L'appropriation de l'heritage culturel. *Revue Lien Social et Politiques* – **RIAC**, Montreal, v.35, p. 153-165. 1996.